



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de entrega do Prêmio Brasil Olímpico, promovido pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB)

Rio de Janeiro-RJ, 21 de dezembro de 2009

Bem, primeiro dizer a vocês que não vai ter discurso. Está aqui um calhamaço, por escrito, mas como os atletas estão com os prêmios, eu não vou... eu vou apenas dizer algumas palavras.

Primeiro, a gravata verde. Eu estou com 18 gravatas destas, e em todos os eventos internacionais que são importantes, vocês podem ver que eu estou com uma gravata destas, não só porque são as cores do meu país, mas porque ela nos deu sorte em Copenhague, duas vezes. Nós ganhamos as Olimpíadas e ganhamos, no final de semana, na COP-15, onde o Brasil teve um papel importante na discussão do aquecimento global, em Copenhague.

Bem, eu quero acreditar – Nuzman, Sérgio Cabral, Eduardo Paes, ministro Orlando – que eu pensei que já tinha vivido todas as emoções que um ser humano possa viver. Eu já tinha participado de muitos eventos, eu já tinha sido eleito presidente da República, eu já tinha sido reeleito presidente da República, já tinha tido a emoção de fazer pronunciamento em muitos lugares. Agora, eu nunca, nunca imaginei que eu fosse viver a emoção que eu vivi em Copenhague, junto com o Sérgio Cabral, com o Eduardo Paes, com o Nuzman, com o Orlando, com tantos atletas brasileiros importantes, que já começou, eu diria, no dia da apresentação.

Meu querido João Havelange... É importante que a gente tenha muita clareza do porque nós ganhamos essa Olimpíada. Nós já tínhamos perdido três: Brasília já tinha perdido uma vez e o Rio de Janeiro já tinha perdido duas vezes. Os atletas que estão aqui sabem que não existe espaço para ganhar medalha se a pessoa não se dedicar da forma mais profissional possível para



ganhar medalha. Tentar arriscar, pode acontecer na política. No esporte, não acontece. Ou se prepara, ou treina, ou age de forma profissional, ou a gente cai antes do tempo.

E nós, pela primeira vez, trabalhamos de forma profissional. Numa combinação perfeita, o governo federal, representado pelo ministro Orlando Silva, o governador Sérgio Cabral, o prefeito Eduardo Paes, o Nuzman e muitos outros companheiros, nós assumimos a responsabilidade de conquistar o direito de realizarmos as Olimpíadas. E aí é preciso que a gente aja com profissionalismo, é preciso ter dinheiro, é preciso viajar, é preciso gastar com hotel, é preciso fazer reunião, é preciso conversar. O Itamaraty teve um papel extraordinário. Nos últimos dois anos, não teve um chefe de Estado que eu visitei ou um chefe de Estado que eu recebi no Brasil, que a gente não tinha como ponto de conversa as Olimpíadas 2016. E assim valeu para o Sérgio Cabral, valeu para o Nuzman, valeu para o Eduardo Paes. A apresentação do Rio de Janeiro, e aqui eu quero, de público, dizer que eu não sei se um ser humano consegue produzir uma apresentação tão perfeita como nós conseguimos produzir a apresentação do Rio de Janeiro. Eu, quando liguei para a minha companheira, para a minha esposa Marisa, e ela estava chorando, logo depois da nossa apresentação, eu falei: Alguma coisa realmente bombástica está acontecendo, porque eu sou casado há 35 anos e eu nunca vi a Marisa chorar de emoção. E ela chorou no dia em que o Rio de Janeiro ganhou o direito de realizar as Olimpíadas.

Bem, quem estava nos bastidores, a emoção começou ali. Porque é uma coisa tão forte, a gente vai sendo tomado por um envolvimento estranho, a emoção vai subindo da unha do dedão do pé e vai passando pelo corpo, chega ao coração e vai para a cabeça, uma coisa que deveria ser corriqueira não é mais corriqueira. O Torben estava lá e sabe o nervosismo; o Pelé, que tem mais experiência que todo mundo, já chorava antes; a Hortência já chorava antes. Nós entramos naquele plenário para fazer uma festa, todo mundo entrou



nervoso. Disseram que era para a gente entrar, todo mundo abanando assim, ninguém abanou a mão, ninguém abanou a mão, parecia que a gente estava indo para uma guerra, era uma coisa tensa. Mas antes de chegar a essa tensão, eu vou contar do hotel.

Eu, realmente... Vocês sabem que o Brasil já tinha perdido três vezes, eu já tinha perdido três eleições. Então, gato escaldado tem medo de muita coisa. E eu sempre fico preocupado, porque tem muito preconceito contra o Brasil. Eu cheguei lá nervoso, eu disse para o Sérgio Cabral... Antes de viajar... ele insistiu para eu viajar um dia antes para conversar com delegados. Conversamos com mais de 20 delegados, conversamos até com um que o João Havelange não gostava, nem queria que eu recebesse ele porque dizia que não era bom. Eu perdi meia hora com esse cidadão, perdi meia hora, conversei com ele como se fosse o melhor cara do mundo, mas eu tinha que conversar, era meu papel conversar. Mas eu cheguei antes, e eu cheguei nervoso porque antes de embarcar, eu, de manhã, levantei e estava vendo uns programas de esporte – não vou dizer qual o canal, quem era – e aí um cara dizendo assim: “Ah, mas o Brasil, o Brasil não está preparado. O Brasil tem problema de violência, o Brasil tem problema disso, o Brasil precisa investir primeiro em educação, o Brasil precisa investir.” Sabe aquela gente, aquela gente, que eu costumo dizer, aquele cara que vai dormir, tira o sapato, coloca na beira da cama, levanta de manhã e fala: “esse sapato está apertado, ele não serve para mim, esse sapato é estranho.” Estava no pé dele, no dia anterior! Então, tem um tipo de gente que é tão azeda e tão de mal com a vida, que nada que este país faça, as pessoas acham que este país tem direito. É aquele cidadão que se trata como se fosse de segunda classe: tudo lá fora é melhor, e tudo no Brasil é pior. E aquilo mexeu com os meus brios, aquilo mexeu... eu sou nordestino e sou tihoso, eu sou muito tihoso, ou seja, não dá para levar desaforo para casa. O Rio não devia nada a ninguém, o Rio tem condições de fazer, o Brasil tem condições de fazer, o Brasil é a oitava



economia do mundo há muito tempo. Por que a gente não poderia fazer? Era porque a gente não acreditava, a gente já chegava lá pequeno, já chegava lá resmungando, já chegava lá... Tem um tipo de brasileiro que quando se encontra com um americano, com um inglês, com um alemão, ele já vai com muita subserviência, já vai de cabeça baixa. E eu, eu estava, eu estava muito... Eu falei para o Sérgio Cabral: Olha, nós precisamos provar que nós temos competência para ganhar isso, nós temos que colocar a alma. Esse negócio não se ganha com números, não. A gente ganha com a alma, nós temos que mostrar que nós somos um povo... Não vou dizer um palavrão aqui, porque... só humorista, só humorista pode dizer; político não pode dizer, então eu não vou dizer. Mas é preciso colocar a alma, mesmo, para disputar esse negócio.

Pois bem, aí o pessoal: “Imagine, imagine se o Brasil vai ganhar! Madri, Madri é muito mais bonita, Madri é uma cidade fantástica; olha Madri, tem não sei quantos mil anos, até os mouros já ficaram em Madri, já construíram há mil e poucos anos atrás! Tóquio, imagine, Tóquio, o imperador está lá em Tóquio! O Brasil vai ganhar de Tóquio, essa sabedoria milenar, e não sei das quantas? Imagine, imagine, o Brasil não se enxerga, o Brasil não se enxerga, vai disputar com Chicago? Não sabe que Chicago é a terra do ‘homem’?”

Eu fui ficando nervoso. A nossa delegação ficou em um hotelzinho só, era um hotel que tinha... não tinha suíte presidencial nem governamental, nem “prefeiturável”. Era um quarto, apenas. Era um quarto muito pequeno, e nós ficamos lá. Ligávamos a televisão e víamos... E para mim era mais fácil, porque eu ligava a televisão e não entendia nada. Então, para mim, estava tudo maravilhoso, para mim estava tudo extraordinário.

Rapaz, não é que no dia, no dia do “pega para capar”, no dia em que a gente tinha que mostrar que a gente tinha café no bule, desce o “homem”, desce o avião do Obama. E a televisão mostrou o avião mil vezes mais do que me mostrou, quando eu cheguei. Aquele avião transitava naquela pista, ia para lá, ia para cá, e nada de o Obama aparecer, só o avião. Bem, aí desce o



Obama. Eu comecei a pensar: Puxa vida, mais uma vez nós vamos... Vai ser difícil, o “homem” veio. Se o “homem” veio... E a mulher do “homem” estava lá, a mulher do “homem” estava lá. Eu fiquei pensando: puxa vida, o “homem” está aí, a “mulher” já estava aí, e eu estou aqui sozinho, a Marisa não veio, não dava para mandar buscar a Marisa porque o meu Força Aérea tem que parar muitas vezes. O Força Aérea One é uma vez só, o meu tem que... o meu vai de picote, assim. Uma vez... Bem, aí começa o placar, começa a disputa. A gente no hotel, sentado em um sofá.

O Sérgio, eu vou contar uma história aqui que ele não contou. Eu vou contar, porque acho que é importante. Eu comecei a notar, o Sérgio estava começando a ficar tão nervoso, que eu chamei o meu médico e falei: Olhe, pegue o Sérgio e trate porque esse cara vai explodir aqui. Ele estava ficando... Aí o médico falou: “Olha...” Ele levou o Sérgio para um quarto e falou: “Você chora, desabafa, coloca a tua emoção para fora, senão vai dar um piripaque em você.” Eu acho que ele deve ter chorado, lá, uns 15 ou 20 minutos. Aí eu comecei a ver as apresentações. Eu tinha tradutor lá, mas eu não queria entender, eu estava vendo nos olhos deles. Aí falou o Obama, falou não sei quanto. Eu falei: Eu acho que o Rio está mais Rio. O Rio estava mais emoção, mais alma, mais coração. Aí passa o Obama. Aí foi quem? O Japão, foi o Japão, aquela animação! É, porque a animação, a animação dos nossos irmãos japoneses não é a animação nossa, carioca, nordestina, não é... não tem essa mistura africana, indígena, não tem. É uma coisa mais light. Mas vamos ver. Mas sempre fica aquele negócio, e o juiz, e os delegados, e o João Havelange nervoso, o Nuzman nervoso – porque o Nuzman fica nervoso a toda hora, fica parecendo... Bem, e eu estou lá. Aí, chega a nossa vez. A essas alturas, a gente já estava lá nos bastidores. E, sabe, nessa hora todo mundo dá palpite. É engraçado, né? É como, como você, Hypolito, quando vai entrar para fazer os seus pinotes, fica gente dando palpite: “Faz isso, faz aquilo, dá quatro, dá cinco saltos mortais, dá oito, faz nove.” Ou seja, o pessoal não sabe que se



preparou para fazer uma determinada coisa, que não pode mudar na hora. E o pessoal: “Tem que falar isso, tem que fazer isso, tem que fazer tal gesto.”

Eu, quando cheguei lá, gente, eu fiquei impressionado. Primeiro, ouvir todos esses meninos falando em inglês, numa “chiqueza”! Eu até achei que eu estava sendo enganado. Mas como eu conhecia grande parte do material antes, eu fiquei... É verdade. E cada um falava mais chique do que o outro. Teve alguns até que falaram em inglês, falaram em francês, falaram em espanhol, queriam falar até em russo! Se a gente vacilasse, ele falava em mandarim também. Bem, quando eu fui falar... Como é o nome daquela menina que estava perto de mim, aquela...? A Bárbara. A Bárbara, a toda hora ela chorava. Ela estava sentada do meu lado e a toda hora ela chorava. Ela chorava e eu chorava. Qualquer ser humano pode chorar, o presidente tem que ficar com vergonha, tirar o lenço devagar e fingir que está limpando a testa, pá, passa no olho! É, você não pode, você não pode chorar a toda hora, porque político também não pode chorar. Então, eu ficava assim, limpando o cabelo, passava aqui, passava aqui, e pá, escorregava aqui. Mas ela chorava a toda hora. E na hora em que eu fui falar, eu estava visivelmente emocionado. Nunca na minha vida eu falei com a emoção que eu estava sentindo, porque era uma coisa, era uma coisa mais do que maravilhosa, era você convencer cem pessoas que estavam ali na tua frente de que o Brasil era melhor, de que o Brasil tinha mais chance. E aí, a verdade é que nós tivemos muitas coisas a nosso favor: o acerto da economia brasileira, os números da economia brasileira, o comportamento do Brasil durante esse período todo. Foi indo, foi indo, foi indo, quando eu terminei... Quando entrou a apresentação do Rio de Janeiro na televisão, que mostrou aquela imagem do povo carioca, daquela coisa toda, eu falei: Barbaridade, não tem para ninguém! Nós vamos ganhar, vamos ganhar!

Mas a sensação, a sensação é muito estranha. Ficamos esperando, ficamos esperando. Aí, vai lá, vai começar a apurar a que horas? Às cinco



horas da tarde, às cinco horas da tarde. Estamos lá no sofá, estamos lá no sofá, estamos lá no sofá. Meninos e meninas, na hora em que eles anunciaram o primeiro que ia cair fora, que foi o país do “homem”, nós ficamos fazendo conta. É uma alegria, é uma sensação de que chegamos lá. Por que a gente pensava que ia chegar lá? Primeiro, porque a gente estava mais preparado, tinha trabalhado mais, tinha conversado mais. A gente tinha trabalhado mesmo, tinha investido nisso, tinha feito a melhor apresentação, os melhores compromissos. Segundo, porque o país do Obama não estando lá... ou seja, dificilmente Madri poderia ganhar, porque Londres está realizando em 2012 e porque a Itália quer realizar em 2020. Então, não poderia ser três anos seguidos, três Olimpíadas seguidas na Europa. Então, fora também.

Bom, quando o Japão caiu fora, ficou nós e Madri, ainda tinha a dúvida, porque tinha um dirigente do COB Internacional, Saramães, que está lá há 140 anos. E me disseram o seguinte: “Olha, esse cara manda em todo mundo, os delegados vão votar nele”. E eu falei: “Puxa vida, nós estamos há dois anos, o cara tem...” A minha sorte é que a somatória de idade do João Havelange e do Nuzman dava mais do que a idade dele e eu falei: “Então vai ser possível a gente ganhar essa coisa”. Agora, quando foi dando seis horas da tarde... Seis horas da tarde nós fomos para lá. Aí, a pressão, a emoção... Vamos para lá, vamos, já que é para brigar, vamos brigar lá no campo do adversário. Chegamos lá.

Meus companheiros, na hora que aquela menina pegou aquele envelope sagrado – na hora eu achei maldito –, pôs naquele prato... Aliás, eu preciso dar a bandeja que eu ganhei para que seja do Museu Olímpico Brasileiro, não é meu aquilo. Aqueles 15 segundos daquela moça andando, desce, desce, desce, mais a lerdeza do nosso companheiro, de abrir aquele envelope, parecia cartão de crédito vencido, ou a notificação da Receita Federal para o pagamento de Imposto de Renda, sabe? E o cara vai, vai, vai. Na hora em que ele anunciou o Rio de Janeiro, eu confesso a vocês que eu descobri que eu



nunca vou morrer de infarto, porque senão eu teria morrido ali, naquela hora, tal foi a sensação.

Pois bem... O meu problema é esse, quando eu não leio o meu discurso, eu falo demais. Mas eu queria dizer uma coisa para vocês, que agora é sério: nós apenas ganhamos a maior vitória de um país em uma Olimpíada, 40 pontos à frente, nunca houve isso, nunca antes na história das Olimpíadas houve um país que ganhasse com 40 pontos de vantagem, são dois pontos, um ponto, três pontos, quatro pontos, mas 40, nunca. Nunca, nunca.

Pois bem, agora, gente, agora, isso é que nem político, viu, Sérgio? Você sabe que política, o melhor momento da vida de um político é entre a vitória e a posse, porque é tanta gente pedindo emprego, é tanta gente atrás de favor. A gente não governou, não fez nenhuma bobagem ainda, então todo mundo só vê virtude e todo mundo elogiando. Veja, nós estamos nesta fase agora. Nós ganhamos e agora precisamos começar a prestar contas dos compromissos que nós assumimos.

E a gente só vai... o Brasil só vai se transformar em uma verdadeira potência olímpica se a gente continuar, nesses seis anos que faltam para as Olimpíadas, a trabalhar com o mesmo profissionalismo e com a mesma emoção com que a gente trabalhou para ganhar o direito de realizar as Olimpíadas. Cada presidente de federação deste país, cada presidente de confederação, Nuzman, tem que apresentar para nós um plano de metas do que vai fazer até chegar às Olimpíadas. O prefeito, o governador, o presidente da República e o COI tem que mostrar claramente o que a gente vai fazer a cada mês, a cada semestre, a cada ano. As empresas brasileiras precisam fazer como o Eike Batista: tirar a mão do bolso e entender que é preciso ajudar a financiar o esporte neste país. Por quê? Porque normalmente é fácil uma empresa apoiar o atleta que já é medalhista. Na verdade, ela não está ajudando, ela está explorando a imagem do atleta. Eu quero ver é ela pegar o Zezinho, aqui, de Manguinhos e transformá-lo em um atleta profissional, em um



atleta de elite, investindo na sua preparação, no sustento da sua família. E as empresas públicas brasileiras já fazem e vão fazer muito mais, porque o Brasil não vai chegar em outras Olimpíadas com a cara lambida para disputar meia dúzia de merreca de medalhas, não. Nós queremos chegar na ponta do casco.

Nós, Sérgio, nós temos que trabalhar cada cidade do interior deste país. A partir do ano que vem, é preciso cada cidade se transformar em uma cidade olímpica, é preciso que a molecada comece a praticar esporte, é preciso que os prefeitos façam o que têm que fazer. Em cada favela do Rio de Janeiro temos que despertar aquele menino que gosta de brigar, de bater nos outros, vamos levá-lo para lutar boxe, vamos treiná-lo para ele ganhar uma medalha de ouro lutando boxe e não dando bordoadas nos outros. Eu, Nuzman, Sérgio Cabral e companheiro Eduardo Paes, ministro Orlando, e companheiros que trabalharam e atletas que estão aqui, eu não serei mais Presidente a partir do dia 31 de dezembro do próximo ano, mas eu quero dizer para vocês, como cidadão brasileiro, eu tenho a obrigação de dedicar cada minuto ou cada dia da minha vida para ajudar vocês, que estarão no governo, a fazer dessa Olimpíada a mais extraordinária Olimpíada já realizada em qualquer lugar do mundo. Porque é verdade que nós somos seres humanos igual a eles: nós temos boca, nós temos perna, nós temos orelha, nós temos cabeça, igualzinho a todo mundo, umas mais chatas, outras mais loiras, tal. Mas a verdade é que nós temos uma coisa que eles não têm: nós temos uma alma do tamanho do Pão de Açúcar, nós temos um coração que pode fazer a diferença.

Então eu quero, companheiro Sérgio Cabral, companheiro Nuzman, eu estou disposto a me reunir com quantos empresários for necessário para que eles tenham a sensibilidade de colocar um pouco de *money* na nossa Olimpíada, eu tenho consciência disso. Eu tenho consciência que as empresas públicas precisam colocar mais recursos, e eu tenho consciência que as nossas federações, as nossas confederações têm que ser profissionais. Eu tenho consciência que os clubes brasileiros – Flamengo, Vasco, Botafogo,



Fluminense, Corinthians, Palmeiras, Santos, Cruzeiro, Atlético –, todos os times, precisam colocar um pouco do seu material, da sua disponibilidade de espaço para a gente começar a formar, deste país aqui, uma nação que se orgulha de ter dezenas, dezenas de atletas como o Cielo, como o Diego Hypolito, como o Torben, como a Natália, como a Poliana e como a Sarah.

Ou seja, nós poderemos ter centenas e centenas desses meninos. Talvez não tão bonito quanto o Cielo, não tão bonito quanto o outro, mas até um pouquinho bonito como eu, para ganhar... Não é só ganhar medalha, a medalha é a coroação de um trabalho. Não é só para ganhar medalha, a medalha... Ô, Diego, você não ficou diminuído porque você caiu lá em Pequim, aquilo foi um incidente. Ou seja, você é bom apesar daquilo, apesar daquele incidente. A gente não pode medir um ser humano que vence a vida inteira porque em um momento as coisas não deram certo para ele.

Então, o que eu acho é que a medalha é um objetivo, mas não é um fim em si mesmo. O que importa é este país ser, do ponto de vista esportivo, do ponto de vista olímpico, do tamanho da alma e do coração da nossa gente.

É com esse fervor e com esse amor que eu quero ser parceiro de vocês e agradecer de coração o trabalho profissional que cada um de vocês fizeram. Eu nunca dei... Ô, Franklin, eu quero te agradecer, porque eu nunca dei tanta entrevista internacional falando de esporte como eu dei nesses últimos cinco ou seis meses. Acho que nem o Pelé deu tanta entrevista. Aonde o Lulinha chegava era só esporte, esporte, esporte. Metia logo um negócio no ouvido, aqui, para entender os ingleses, para ter um tradutor.

Olha, eu sei que nós, todos nós, viramos não “um cara”, o País virou o País dos “caras”.

Parabéns. E até 2016, se Deus quiser.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
